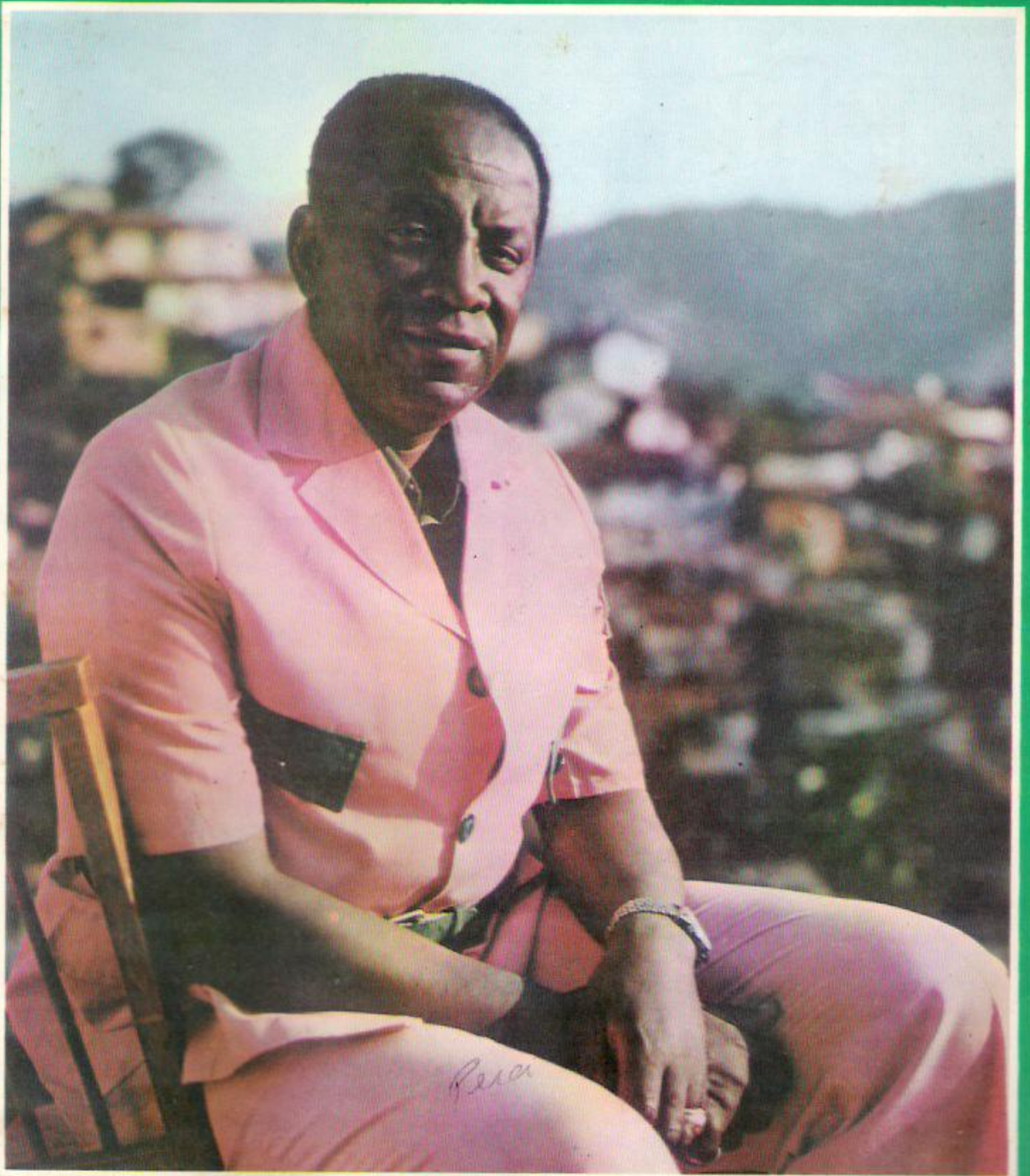


MANGUEIRA

CARNAVAL 80





3 campeões de limpeza

- Detergente em Pó Pala Pala
- o único detergente biodegradável.
- Desinfetante Pala Pala
- a limpeza perfumada.
- Sabão de Côco Pala Pala
- o biodegradável.
- Pala Pala
- com estes 3 campeões de limpeza, a sujeira não tem vez.



**LEGRAND
INDÚSTRIAS
QUÍMICAS LTDA.**

Rua Viuva Cláudio, 234/244

Tel.: 261-6404.

Rio de Janeiro, RJ.

SAMBA ENREDO

"COISAS NOSSAS"

Autores: Carlos Roberto
Ney da Mangueira
Aylton da Mangueira

Puxador do Samba: Jamelão

EXCITANDO A MENTE A POESIA
O POETA DESCOBRIA
MOMENTOS DE RARO PRAZER
E NESSA LINDA MELODIA
COISAS NOSSAS DIA-A-DIA
A MANGUEIRA VEM TRAZER

JURUNA, FANTASIA E FREVO
PETROBRÁS SONDANDO O MAR
COISAS QUE ORA DESCREVO
E AINDA HÁ MAIS PRÁ NARRAR

FRUTAS DE TODAS AS CORES
NUM POMAR DE PUREZA
OS MAIS DIVERSOS SABORES
OBRA DA MÃE NATUREZA

} BIS

E NO CAMPINHO A GURIZADA
ATRÁS DE UMA BOLA A ROLAR
MATA NO PEITO, DÁ LENCOL: FAZ EMBAIXADA
SE TORCE O PÉ VAI A REZADEIRA CURAR

ROSTO COLADO A NOITE INTEIRA
BAILA-SE NA GAFIEIRA
SE HÁ BEBIDA, HÁ COMIDA E VIOLÃO
TEM SEMPRE UM PAGODE DO BOM

QUEM VAI MAIS, QUEM VAI MAIS
PODE PARAR QUE O GALHO É VALETE E AS

} BIS

G.R.E.S. ESTACÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

CARNAVAL DE 1980
"COISAS NOSSAS"

Sugestão: – Ciro Ramos

Desenvolvimento e Roteiro: – Comissão de Carnaval

Cenografia e Figurino: – Professôras: Liana Silveira
e Ecila Cirne

Samba: – Ney, Aylton e Carlos Roberto

COMISSÃO DE CARNAVAL

PRESIDENTE: Darque Dias Moreira (Sinhozinho)
Ely Gonçalves da Silva (Chininha)
José Clementino Bispo dos Santos (Jamelão)
Ciro Ramos de Moura
João José Riche Neto
Elias João Riche Filho
Percival Pires
Ed Miranda Rosa
Pedro Paulo Lopes
Djalma Arruda
Jair Campos
Alcyone Barreto
Arthur Bitencourt Rosa
Nelson Gonzales Ferreira
Sandro Moreira

APRESENTAÇÃO DO ENREDO COISAS NOSSAS

Alcyone Barretto

Escolher enredo, na Mangueira, é ato coletivo, é resolução da Comissão de Carnaval, e não imposição de um carnavalesco. Assim, decidir qual seria o Carnaval de 1980 levou tempo, muitas reuniões e o examinar de inúmeros enredos até quando Ciro Ramos sugeriu Coisas Nossas.

Coisas Nossas era apenas um título, faltava desenvolver o enredo, mas, após muitas discussões, Coisas Nossas deixou de ser mera sugestão para surgir como um enredo desenvolvido pela Comissão de Carnaval. E o enredo se desenvolveu em forma de painel para se dividir em onze quadros, abordando aspectos da vida brasileira — cultura, esperanças, crenças, diversões, costumes etc.

O primeiro quadro — INDIOS — é uma homenagem ao Cacique Juru-na e ao nosso desejo de proteger as reservas indígenas.

Quando o mundo sofre consequências da crise energética a esperança de a Petrobrás encontrar petróleo no MAR é coisa nossa.

Musical é o povo brasileiro e a Mangueira escolheu o FREVO para representar as nossas músicas e as nossas danças.

TROPICÁLIA é sol, alegria, pomar multicolor. É o descansar na rede e o jeitinho de resolver problemas.

TROPICÁLIA, o 4º quadro do enredo, é uma exaltação ao tropicalismo que é "coisa" que não se entende, que não se explica, mas que é muito nossa.

Brasil Tri Campeão. Futebol, glória e alegria de um povo. Ora, se não fosse a PELADA inexisteriam nossos campeões e jamais a Jules Rimet teria sido coisa nossa.

É certo que somos invadidos pela música estrangeira e nas dissonantes discotecas parte da nossa juventude se diverte. É certo, também, que a música dolente reagiu e com toda a força voltou a GAFIEIRA, muito antiga coisa nossa.

O jogo de RONDA, em que pese a proibição, jamais deixou de existir nos morros, nas esquinas e nos becos, pois, o carioca sempre entendeu que ronda é coisa nossa.

Oitavo quadro: Superstições — Sexta-feira 13 dá azar, pé de coelho, ferradura e trevo de quatro folhas dão sorte, enquanto faz mal gato preto atravessar nosso caminho, vassoura atrás da porta espanta visita, arruda tira mal olhado. . .

As tradicionais baianas, as nossas tias, evoluirão no quadro *Reza-deiras*, é o agradecimento dos Mangueirenses pelas curas realizadas através das rezas aos Orixás.

PAGODE não se programa, nasce espontaneamente onde existe violão, malandros, mulatas, feijão com tudo dentro, cachaça, vontade de cantar e dançar.

Baile de Carnaval é o último quadro, com piratas, tirolezas, colombinas e tantas outras fantasias. A Estação Primeira de Mangueira, coisa nossa, que alegra o carnaval de rua terminará o desfile saudando aqueles que brincam no carnaval de salão.

Após desenvolver o enredo, a Comissão de Carnaval passou a se preocupar com o visual, pois hoje não se ganha carnaval somente com samba, bateria, pastoras e harmonia, é preciso satisfazer valores que não são dos que fazem samba e sim dos que o consomem.

Democraticamente a Comissão de Carnaval resolveu que a Escola viria com três alegorias — Plataforma Submarina, Gafieira e Concurso de Fantasias — muitos tripés, estandartes e adereços.

Visual pede artista plástico e, disso sabendo, a Comissão de Carnaval foi até a Ilha do Fundão, bateu às portas da Escola de Belas Artes e para o morro da Mangueira trouxe as professoras Liana Silveira e Ecila Cirne a fim de que ambas dessem cor ao enredo, figurinassem as fantasias e criassem as alegorias e adereços. E elas tonalizaram os verdes e rosas criando uma graduação, além de utilizarem a neutralidade do branco como forma de *valorar* as cores da Mangueira, pois, o uso do branco quebrará a interferência cromática da Avenida no verde e rosa e, assim, o contraste será aumentado sobressaindo as cores da Escola.

Abram alas. Aí vem a Estação Primeira de Mangueira, que é povo e para o povo apresenta COISAS NOSSAS.

ÍNDIOS

Ferreira Gullar

Do descobrimento do Brasil até nossos dias, a história do índio brasileiro tem sido a história de um genocídio, de um verdadeiro massacre. Se os missionários jesuítas viam nos índios almas humanas que deveriam ser salvas pela conversão à fé católica, os colonizadores os queriam como braço para trabalhar na lavoura, em regime de trabalho escravo. Os índios, acostumados a uma vida de liberdade, naturalmente se rebelavam contra a escravidão, gerando-se conflitos que resultavam na perseguição e na morte dos silvícolas. Os que não conseguiam escapar nem morriam eram submetidos ao trabalho duro e obrigados a abrir mão de suas crenças e de seus hábitos.

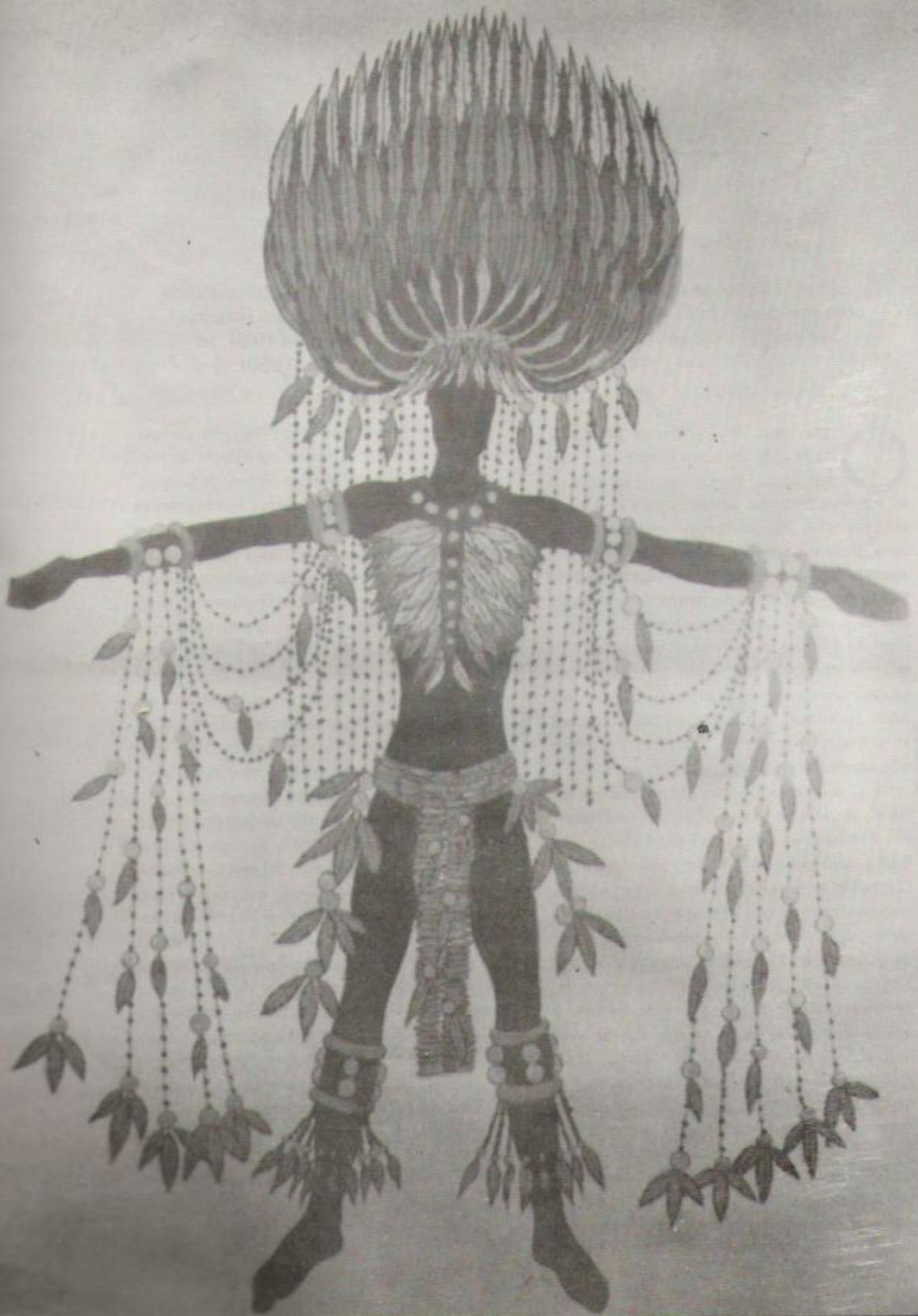
À medida que colonização avançava, a situação do índio piorava. Os que habitavam a selva profunda, longe do litoral, passaram a ser caçados pelas "bandeiras" que, menos do que buscar diamantes, dedicavam-se a prear índios e levá-los, amarrados, para as plantações de S. Paulo. Uma grande parte deles não suportava as condições de vida a que eram submetidos e morriam, contaminados pelas doenças do branco.

E assim, ao longo dos séculos, a população indígena brasileira foi desaparecendo. Os povoados surgiram, as plantações e as estradas iam invadindo o território. As terras indígenas eram tomadas e ocupadas pelos

brancos. Aos índios não restava mais que refugiar-se nas florestas distantes, onde nem sempre encontravam os mesmos recursos de sobrevivência.

Só com o aparecimento de Rondon a relação do índio com o branco se modificou. Rondon era um verdadeiro humanista e tratava os índios como seres humanos. Os índios souberam compreender isto e retribuíram a Rondon a confiança e o afeto que este lhes dedicava. Mas a nova mentalidade indigenista de Rondon — seguida depois por homens como os irmãos Villas Boas — não foi suficiente para garantir aos índios a posse de suas terras e a sobrevivência. Muitos outros atentados se tem praticado contra eles, nestas últimas décadas, apesar da legislação que visa protegê-los.

Em consequência disso, os índios passaram a se organizar e a lutar em defesa de seus direitos. Surgiram entre eles líderes, como o cacique Juruna, que lutam para que se reconheça a igualdade do índio junto ao branco. Esses líderes reclamam das autoridades a demarcação das reservas indígenas, a devolução das terras recentemente tomadas a eles, às vezes com a conivência das próprias autoridades. Devemos juntar nossa voz à voz dos líderes indígenas na defesa de suas terras e de sua cultura. Não é justo que os primitivos habitantes desta terra não tenham o direito de viver nela em paz.



MAR

Maurício Azêdo

... o mar entrou na minha infância e tomou conta de uma adolescência toda, com seu cheiro bom, os seus ventos, suas chuvas, seus peixes, seu barulho, sua grande e espantosa beleza. (Rubem Braga, Mar, julho de 1938. In 100 Crônicas Escolhidas, Rio, Livraria José Olympio, 1958)

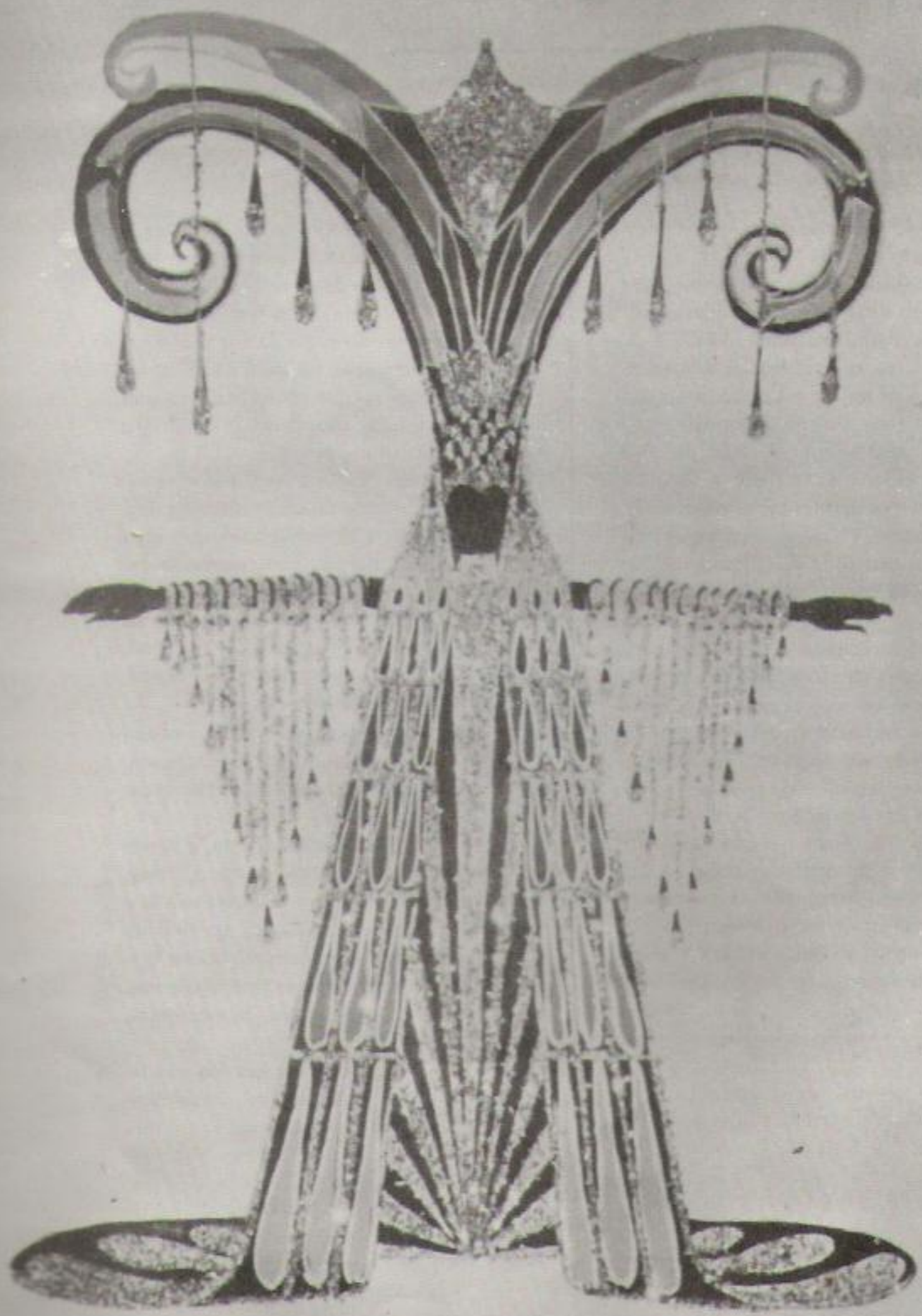
O mar tem uma presença destacada na criação artística brasileira. E não por acaso, pois a formação do país se fez com os olhos voltados para o mar, os olhos postos no horizonte metropolitano, para onde se escoavam as riquezas das terras descobertas por uma gente também deslumbrada pelo mar, os navegantes de um ponto que se jactava de poder proclamar-se "o jardim da Europa à beira-mar plantado". Os núcleos de povoação surgiram, cresceram e se desenvolveram sob a atração do mar, para onde apontavam as picadas de barro, depois as estradas e ferrovias. Todos os caminhos não conduziam a Roma: levavam ao mar.

Entre os pontos mais distantes entre si, o Cabo Orange, no Amapá, ao Norte, e o Arroio Chuí, no Rio Grande do Sul, são 5.800 quilômetros de mar, de Atlântico. Contando-se as reentrâncias da imensa costa, com seus golfos, suas enseadas, seus promontórios, suas baías, como esta luminosa Baía de Guanabara, são 9.198 quilômetros de azul e verde, 9.198 quilômetros de "grande e espantosa beleza". Por isso o mar invadiu a poesia, ora sob a forma da angústia do vate inquieto em saber, diante do "clamor insano", "o que será mais forte que o vento ou maior que o próprio oceano", ora como o fascínio da descoberta de que "o mar quando quebra na praia é bonito, é bonito", uma das muitas invocações marinhas das incontáveis canções praieiras de Dorival Caymmi.

Mas o mar, agora, é algo mais que isso. Ele abriga também a esperança de uma

generosa riqueza em petróleo, nos campos da plataforma continental do Estado do Rio, de São Paulo, do Espírito Santo, de Sergipe, de Alagoas, em muitos outros pontos desses 5.800 quilômetros de Atlântico. Só ao norte do Estado do Rio, nos campos de Garoupa e Enchova, há expectativa de que em uns poucos anos se obtenha produção superior a 350 mil barris diários — mais de um terço do que se consome hoje no País. Mais que em terra, estão no mar as esperanças de descobertas que diminuam a dependência do Brasil em relação aos suprimentos externos de petróleo. Se no passado ele foi conduto de submissão à metrópole, hoje o mar pode ser a grande fonte de afirmação de soberania.

Isto, porém, não se dará como uma graça, uma benesse da natureza que nos prodigalizou com tanto mar. Além do trabalho dos homens e das máquinas, das complexas e caríssimas plataformas de exploração submarina, é preciso que seja restabelecido e mantido em sua integridade o monopólio estatal da Petrobrás, única garantia de que, como sonharam os que por ela lutaram e sofreram, como o marinheiro Dioclécio Santana, abatido em Santos quando pichava um muro com a inscrição redentora, o petróleo seja efetivamente nosso. Só isso evitará que toda uma nação viva e desconsolo e a frustração do amante descrito no samba de Chico Buarque, outro grande artista que se rendeu à inspiração marinha: "Madalena foi pro mar/E eu fiquei a ver navios".



FREVO

Lena Frias

O frevo pernambucano, aparecido no final do século XIX, é uma das mais originais criações brasileiras no campo da música e da dança. Nas suas origens registra-se a importantíssima presença das bandas militares, cujos dobrados somaram-se ao maxixe, à quadrilha e à polca para a definição musical do gênero que então surgia. Igualmente fundamental são as capoeiras que, nas grandes cidades (Rio e Salvador) sempre abriam os desfiles com exhibições, gingas, quebradas de corpo, negaças e golpes variados. A capoeira e as suas riquíssimas formas de jogo de corpo é que deram origem à coreografia do frevo. Cedo porém o frevo desligou-se dos dobrados e desfiles marciais (como também das suas distantes ligações com as procissões religiosas) e soltou-se como força de carnaval. Os músicos, por sua vez, evoluíram para outras construções musicais, na motivação sempre imprevista do *passo* (nome das figurações que os bailarinos improvisam). Tão ligadas a coreografia e a música (a ponto do dançarino dançar a própria orquestração, fenômeno único no mundo, conforme observou o Maestro Guerra Peixe) que ninguém pode precisar o que nasceu primeiro. Sabendo-se, porém, que o frevo, quando apareceu, era cantado. Hoje ele tende a ser predominantemente instrumental.

No começo marcial, ainda no século passado, brilhavam no Recife duas bandas de música, a do 4º Batalhão de Artilharia, o *Quarto*, conhecida também como *Banda Cheirosa*, nome de um de seus mais empolgantes dobrados; e a Banda do Corpo da Guarda Nacional, conhecida por *Espanha*, por causa da nacionalidade de seu mestre, Pedro Garrido. Essas bandas tiveram seus

partidos, torcidas, ardorosos aficionados, o que estimulava a "guerra" entre os capoeiras que vinham à frente delas, cada grupo procurando dar o máximo de si instigados pela música frenética. Armados de bengalas e cacetes, simulavam lutar (quando não lutavam mesmo). É possível que as bengalas e cacetes tenham encontrado substituto na sombrinha usada pelos bailarinos modernos.

Embora o *passo* seja permanentemente criado, dado o espontaneísmo da dança, alguns deles já são mais comuns e mais conhecidos. Os nomes, interessantes e expressivos, sugerem, no enunciado, alguma coisa das características das figuras: vôo da andorinha, tesoura no ar, canguru, carrocel, ferrolho, dobradiça, pontilhado, saci pererê, chão de barriguinha, capoeira.

Frenesi típico do frevo, aquela emoção enlouquecedora, nervosa que se sente à aproximação da orquestra, as clarinadas iniciais fazendo platéia e dançarinos vibrar, ferver. Frevo fervido, efervescente, a ferverescer. Frevorescente, efrevescente, a frever. Inventado passos, já que a sua coreografia é a do improvisado e, em cada passo, confirmado mais este aspecto da rica cultura popular brasileira. A orquestra traz requinta, clarinetas, saxofones, trompetes, tubas, bombardinos, taróis, pandeiros.

Frevo, carnaval nordestino exaltado no enredo-80 da Mangueira. *Coisas Nossas*, nossas gentes. Frevo de rua. Frevo-canção. Frevo de bloco. Lenhadores, Vassourinhas. Prato Misterioso. Pás Douradas. Papagaio Falador. Lavadeiras da Areia. Clubes de frevo a exibirem ricos estandartes, que giram, enlouquecidos, nas mãos de balizas.

Frevo rasgado, nascido no calor das ruas pernambucanas.



TROPICÁLIA

José Carlos Oliveira

O tropicalismo (para os íntimos, "tropicália") é um movimento artístico. Artista adora movimento. Serve para balançar o coreto das coisas já feitas, as coisas arquitetadas. Noel confirmaria: o samba, a prontidão e a tropicália são coisas nossas. . .

Caetano Veloso cantando sua canção *Tropicália*, sentado num banquinho e dedilhando um violão, ainda não é uma atitude tropicalista. Mas o mesmo Caetano, cantando a mesma canção e fantasiado de Carmem Miranda, com turbante, balangandãs, baton nos lábios — isto sim, é legítima tropicália.

Esse movimento queria justamente provar que as coisas nossas, principalmente as mais humildes e em caso extremo as mais escandalosas, são mil vezes melhores que qualquer outra coisa que nos venha do estrangeiro. Por isso, artistas ditos "sérios" proclamam a superioridade do Chacrinha sobre todos os enlatados americanos importados pela televisão. Gilberto Gil, recém-saído da prisão (uma arbitrariedade tipicamente tropicalista. . .) mandou um abraço a tudo o que entra no balaio tripicalista. Alô, alô seu Chacrinha, aquele abraço! Alô torcida do Flamengo. . . aquele abraço! Respondendo tropicalisticamente à prisão injusta de que

foi vítima, ele mandava saudações ao próprio bairro onde fica o quartel no qual o encanaram: — Alô, alô Realengo. . . Aquele abraço!

Artistas plásticos, Rubens Guerchmann, Antonio Dias e Carlos Vergara fizeram uma exposição tropicalista em 1966, na Zona Sul. Esses artistas tocavam buzina, como o Chacrinha, e jogavam feijão sobre a platéia grã-fina, tal como o Chacrinha lançava bacalhau de presente ao povão reunido em seu auditório. Rubens Guerchmann, extremamente talentoso e moderno, pintou quadros retratando o casal de criminosos tropicalista: Lou e Vanderlei. De fato, não há nada mais tropicalista do que um machão enciumado, em cumplicidade com sua noiva, comarçar a fuzilar os antigos namorados da moça, só porque um dia desfrutaram dos carinhos dela. . . O machismo é tropicalista. Já se vê, portanto, que no conceito de tropicalismo entra também uma qualidade vulgar: nada que seja cafona amedronta o espírito da tropicália. A tropicália é:

— Sanduiche de presunto de botequim; pão com manteiga dupla.

— O jogo de bicho, o rapa, um Vasco versus Flamengo, o trio elétrico, a mulata das sardinhas 88. . . São coisas nossas, são fenômenos tropicalistas!



PELADA

Sandro Moreira

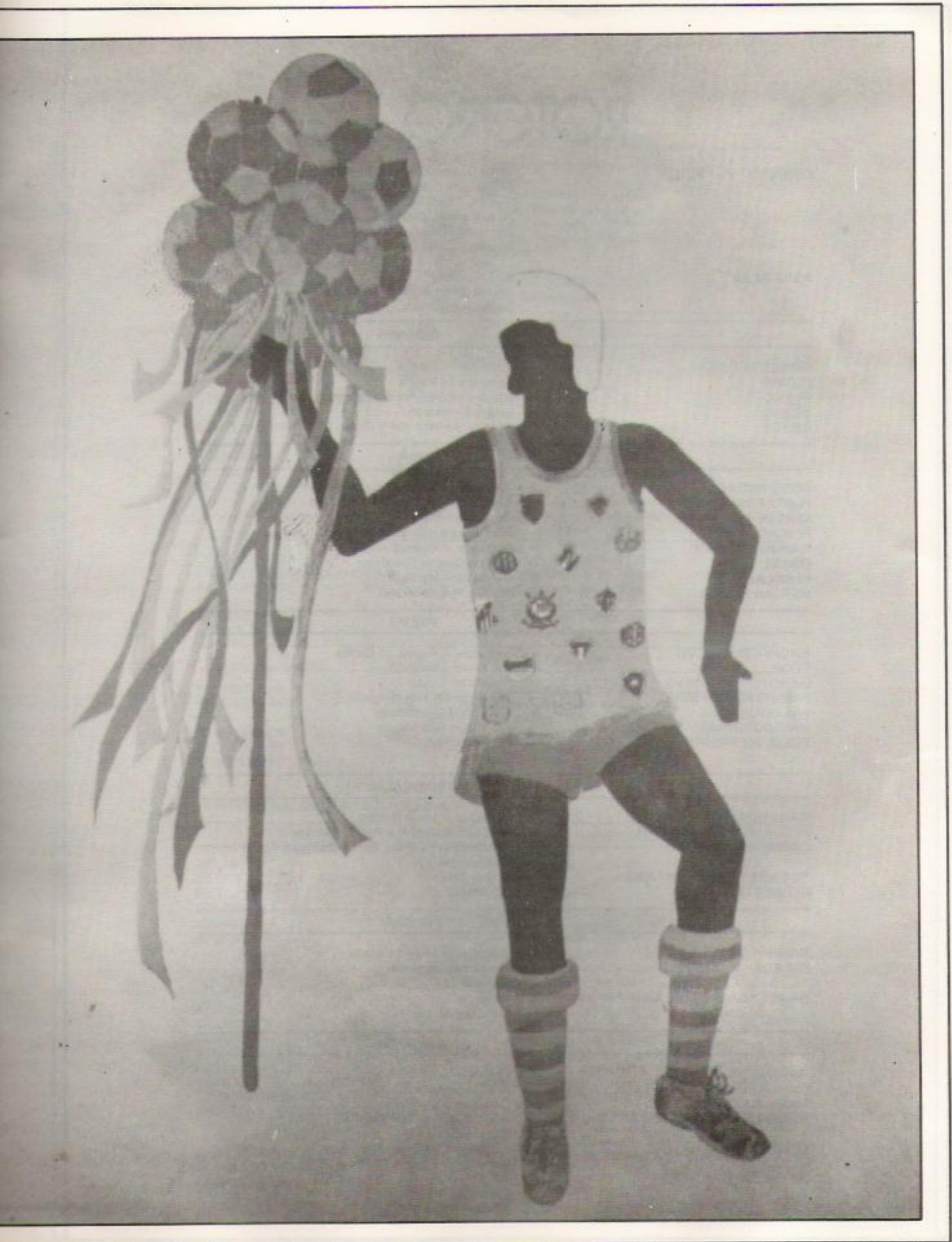
Quando a Mangueira procurava as mais autênticas *coisas nossas* para compor os quadros do seu Enredo, a pelada foi das primeiras a ser lembrada. Ela é, de fato, genuinamente nacional. Livre, alegre, aberta para todos. Não pede campo gramado, nem de medidas oficiais. Basta um pedaço de chão, terra batida, asfalto de rua ou areia de praia, uma bola, duas improvisadas balizas e está formada a pelada.

Ela geralmente não está presa a regulamento nenhum. Deixa que formem de cada lado quantos o tamanho do campo permitir. Raramente tem juiz e a única regra que se obedece é a que proíbe por a mão na bola.

Há a pelada sofisticada dos ricos, o chamado futebol soçaite, como há a de barrigudos senhores que costumam dividir seus times entre casados e solteiros. Mas uma nem outra representam a verdadeira pelada, a autêntica, aquela que é disputada de sol a sol nos terrenos baldios desse Brasil afora. É a pelada dos meninos das favelas que sonham poder repetir um dia Pelé e Garrincha e se cobrir de glória e de fortuna no futebol de verdade.

Foi nessas peladas que começou a despontar o genio de Mané Garrincha, o peladeiro imortal, que havia de fascinar o mundo do futebol com a irreverência de seus dribles e a fascinante criação de suas jogadas, foi o peladeiro autêntico. Nunca quis deixar de ser. No Botafogo ou na Seleção, que ajudou como poucos a ganhar o bi campeonato mundial, Garrincha era o guerrilheiro que combatia por conta própria. Jamais se prendeu a esquemas, táticas ou outras instruções inventadas pelos seus treinadores. A bola era sua amiga íntima. Com ela ia abrindo caminhos para o gol, nunca antes e nunca mais possíveis. Foi o mais brasileiro dos nossos craques. Pela liberdade de seu estilo, pela picardia das suas jogadas, pela molecagem dos seus dribles, pelo seu ar, que nunca se soube bem se era de um ingênuo ou de um sonso.

Um craque que não se repetirá nunca mais. Glória e orgulho do nosso futebol. E é nele, em Mané Garrincha, que a Estação Primeira da Mangueira homenageia todos os peladeiros, futuros campeões do futebol brasileiro.



ROTEIRO

COMISSÃO DE FRENTE

- Velha Guarda da Mangueira (Irmãozinho de Deus, Rei Momo da Velha Guarda, Lima, Ribeiro, Nicolau, Jorge Esperto, Babau, Cazuza, Jorge Cambota, Nestor, Edson, Galego, Ribeiro II, José Ourives e Pardal)!

ABRE ALAS

- As Três Raças
- Branca (Mara Bentes), Índia (Paula), Negra (Ilan Amaral)

ÍNDIOS

PRINCESA ÍNDIA ÍNDIOS ÍNDIOS ÍNDIOS ÍNDIOS

- Destaque - Martha
- Caboclos da Matriz
- Ala da Opção e Ala dos Seresteiros
- Grupo Renascença
- Ala das Moderninhas e Grupo Cheio de Amor Pró Dá

MAR

OURO NEGRO PLATAFORMA SEREIA PESCADOR RAINHA DO MAR CORAL PÉROLAS MERGULHADOR

- Destaque - Wilson
- Alegoria
- Destaque - Wanda
- Ala Chove e Não Molha e Grupo Dengosas
- Destaque - Noemia
- Ala das Baianas Granfinas
- Destaque - Marilene
- Ala dos Funcionários

FREVO

RAINHA DO FREVO FLOR GAROTOS DO FREVO PASSISTAS DO FREVO PÁS DOURADAS VASSOURINHAS FOLIA DO FREVO

- Destaque - Regina do Carmo
- Ala Mirim (meninas)
- Ala Mirim (mista)
- Ala Ninguém é de Ninguém
- Ala Só Vai Quem Pode
- Ala é Com Nós Mesmo
- Grupo Furacão
- Passistas

TROPICÁLIA

RAINHA DA TROPICÁLIA ALÔ, ALÔ, TEREZINHA CARMEM MIRANDA YES NÓS TEMOS BANANAS FLORESTA

- Destaque - Maria Ramos
- Ala dos Esforçados e Ala da Firmeza
- Ala Meninas da Praia, Deixa Comigo e Caçulinhas
- Grupo Jovem
- Ala Moana

PELADA

RAINHA DA PELADA PELADA DA PELADA À JULES RIMET

- Destaque - Marli de Souza
- Ala Mirim (meninos)
- Passistas
- Tripé
- Mané Garrincha

GAFIEIRA

RAINHA DA GAFIEIRA DANÇARINOS DA GAFIEIRA DAMA DA GAFIEIRA NAMORADOS DE GAFIEIRA MENINAS DA GAFIEIRA SONHO DO GAFIEIRA

- Destaque - Lídia
- Ala Sambrasa
- Destaque - Margarida
- Ala dos Barões, Turistas e Milionários de Paris
- Ala Depois Eu Digo, Mimosas e Côte
- Alegoria
- Destaques - Marlene - Alice - Tânia - Nédia

RONDA

| | |
|---------------------------------|---|
| BARALHO | - Ala dos Embaixadores e Ala dos Nobres |
| CARTAS DO BARALHO | - Ala das Brasinhas e Brasões |
| MALANDRINHOS | - Ala dos Duques |
| MALANDRINHO ESPERTO | - Ala dos Príncipes |
| JOGADOR DE RONDA | - Ala dos Fidalgos e Ala dos Reis |
| | - Passistas |
| | - Tripés |
| RAINHA DA RONDA | - Destaque - Cotinha |
| 2º MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA | - Arilton e Mocinha |

SUPERSTIÇÕES

| | |
|----------------------|---|
| FIGAS | - (Marilene, Eliane, Zamira, Maria Helena, Carmem Lúcia, Norma, Adilma, Irene, Lídia e Vaninha) |
| DEUSA DA SUPERSTIÇÃO | - Destaque - Jandira |
| DUENDES | - Filhas da Martha |
| SONHO DE CRIANÇA | - Ala dos Intocáveis, Ala dos Aliados e Ala dos Invencíveis |
| FEITICEIRA | - Destaque - Reginalda Campos |
| MAGIA | - Grupo Eles e Elas e Grupo Verde e Rosa |
| PERSONAGEM INFANTIL | - Grupo Arma Comigo que Você Sai |
| | - Passistas |

REZADEIRAS

| | |
|-----------------------|--------------------------------|
| DEUS DA REZA | - Destaque - Toninho de Oxosse |
| OGÃ-REZADEIRA-REZADOR | - Grupo do Toninho de Oxosse |
| REZADEIRAS | - Ala das Baianas Destacadas |
| REZADEIRAS | - Destaque - Zinha |
| REZADEIRAS | - Ala das Baianas Tradicionais |
| DEUS E DEUSA DA FOLHA | - Ala Comigo Ninguém Pode |

PAGODE

| | |
|---------------------------------|---|
| PAGODEIRAS | - Ala do Embalo e Ala das Impossíveis |
| PAGODEIRAS | - Ala das Jambetes e Ala das Caprichosas |
| PAGODEIROS | - Velha Guarda |
| PAGODEIROS | - Conjunto Juventude Samba Show |
| ZICARTOLA | - Tripé - figuração Zica, Nelson Cavaquinho e Juvenal Lopes |
| | - Passistas |
| 1º MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA | - Lilico e Neide |

BAILE DE CARNAVAL

| | |
|------------------------------|--|
| FOLIA | - Ala dos Hippies |
| DESFILÉ DE FANTASIAS | - Alegoria |
| PIERROT | - Destaque - Laerte |
| COLOMBINA | - Destaque - Ilka |
| ESPAÑHOLA | - Destaque - Terezinha |
| RAINHA DO NILO | - Destaque - Edith Lanusse |
| | - Figuração - Pierrot (Deborah), Colombina (Concita), Arlequim (Zoraia) |
| TIROLÊS | - Alas Mil e Uma Noites, Nós Somos Assim, Granfinos e Menestréis |
| EGÍPCIOS | - Grupo Fanáticos do Samba |
| MELINDROSAS | - Ala Deixa Isso prá lá (fem.) |
| TURCOS | - Ala Deixa Isso prá lá (masc.) |
| PIRATA | - Ala da Justiça e Ala Última Chance |
| FOLIA | - Destaque - Maria Helena |
| VEDETE | - Destaque - Elvira |
| TRIO VERDE E ROSA | |
| GRUPO ARTISTAS COISAS NOSSAS | - Cartola, Grande Otelo, Alcyone, Beth Carvalho, Rosemary, Gargalhada, Chico da Silva, Anick Malvil, Gigi, Carlinhos do Pandeiro |
| ALAS TÉCNICAS | - Só Para Quem Pode, Periquitos e Bohêmios |
| ALA DA BATERIA | |
| ALA DOS COMPOSITORES | |
| DIRETORIA | |

GAFIEIRA

Fernando Zerlottini

A primeira — dizem os estudiosos da matéria — chamava-se Cananga do Japão. Mas a mais famosa de todas, ainda hoje vive e atuante, ficou sendo o Elite, naquele sobrado de esquina entre Frei Caneca e o Campo de Sant'Ana. Dizem também os estudiosos — e aqui me baseio no excelente Jota Efegê — que a origem do termo se deve a um cronista carnavalesco muito conhecido no início dos anos 30, Romeu Arede, o Picareta: contrariado com alguma coisa ou advertência que lhe fizeram, ele teria deixado a casa usando a expressão pejorativa: — “Isto aqui é uma gafieira!”

Poderia dizer ainda, valendo-me de breves consultas em arquivo, que o então Príncipe de Gales, mais tarde Duque de Windsor, em visita ao Rio com o irmão Jorge, depois Rei Jorge VI, subiu com ele a escadaria íngreme do sobrado para ver de perto o espetáculo que lhe anunciavam como uma das coisas mais curiosas da cidade. Como os ilustres e nobres irmãos, aliás, muita gente famosa fez o mesmo.

A gafieira, de qualquer forma, é coisa nossa, muito carioca. Barradas dos clubes e salões “direitos” por estúpidos preconceitos raciais e sociais, as pessoas humildes — operários, comerciários, domésticas, contínuos, trabalhadores de toda ordem — encontraram em Júlio Simões o criador dessa instituição que se transformou em gênero especial de lazer. Um salão, uma orquestra, mesas e cadeiras, um bar, e está pronto o cenário. No nicho, a imagem dos santos padroeiros, anualmente venerados nas suas

respectivas festas. Na pista de danças, casais que se entregam ao prazer dos revolteios, dos passos complicados, da sadia alegria de dançar. Um lugar onde impera a maior liberdade, pois nele o respeito é fundamental. O ingresso será sempre pago, assim como a conta aos garçons. As damas não recusarão seus pares, e os cavalheiros não importunarão as companheiras do alheio. Todo mundo bem vestido, segundo o permitam as suas condições. Cada festa, uma noite inesquecível, se possível.

Donde a certeza de que a gafieira, tal como é realmente, nada tem a ver com o tipo de casas que vai se tornando moda nos últimos tempos, lugares granfinos onde a música voltou a ser a mesma de anos passados e os frequentadores bebem bebidas caras, sentados em cadeiras estofadas, gozando do ar condicionado. Parece menos, mas ela é muito mais: um lugar criativo, disciplinado, sim, mas onde todos se ombreiam sem falsos preconceitos e onde o exibicionismo está mais em quem parece só para ver do que nos que fazem da noite o seu pequeno-grande momento de alegria. Por trás das fisionomias cansadas, das roupas modestas, das mãos calosas do pedreiro ou das unhas lascadas da coperia que o esmalte não disfarça, na verdade estão príncipes e princesas cujo sangue rubro e quente ajuda a construir o mundo onde circula o sangue azul.

É uma elite, como bem designa o nome da casa mais famosa. E não por acaso a gafieira se integra hoje no desfile da nossa gloriosa Estação Primeira.



RONDA

Dácio de Almeida

Duas cartas na mesa, os apostadores escolhem entre uma e outra e o jogo vai começar. Tudo muito simples, muito fácil. O baralho é virado boca para cima e lentamente as cartas, uma a uma, são mostradas na mesa até surgir a primeira que foi apostada. É o jogo de ronda, o jogo do malandro.

É exatamente por ser muito simples, muito fácil, que o malandro escolheu a ronda para seu jogo preferido: primeiro porque existem sempre parceiros dispostos a formar a roda; depois, porque ao longo de vários anos muitos macetes foram introduzidos neste jogo e suas chances de ganhar aumentaram em relação aos parceiros comuns.

Ronda é jogo de malandro e não pode ter bronca se houver trapasças. Essa é a regra geral entre os grandes parceiros. Sempre amáveis, educados e bem-falantes, os malandros do jogo se respeitam, guardam seus macetes em segredo absoluto, inventam contra-macetes e quase sempre ganham dos mais desavisados. Entre eles, porém, é briga de foice. O jogo fica bonito e a inteligência passa a predominar.

Durval Careca, por exemplo, é conhecidíssimo no meio por ter incrível capacidade para decorar o baralho. Mesmo que os parceiros desfiem duas ou três vezes as cartas ao embaralhá-las, ele sabe onde se localizam seis ou oito macetes.

— E o normal de um grande jogador é decorar até quatro. Durval é gênio — conta Jorge da Jurema, outro malandro de ronda.

Por esse motivo, hoje é comum o pauzeiro — o dono do jogo —

trocar o baralho quando ele muda de mão. E nos grandes jogos, onde corre muito dinheiro, os baralhos usados são de plástico e trocados depois de 10 bolas (partidas).

Os baralhos de plástico evitam a canoa, lugar onde é feito um macete ao se embaralhar e depois as cartas são dobradas para trás a fim de forçar o parceiro a cortar exatamente naquele local. Além disso não podem ser marcados com as unhas e, por deslizar muito facilmente, é quase impossível escamotear a carta da boca do baralho e passá-la para as costas — o que é feito sempre que a carta apostada é a do macete que foi armado pelo banqueiro.

Mas malandro não se atrapa-lha e novos truques foram criados para marcar as cartas plásticas, como a massa e o nanquim, que são aplicados sorrateiramente durante o jogo.

Vários deles, inclusive, levam o nanquim em pequenos chumaços de algodão que são introduzidos nas narinas e delas retiradas com a unha do dedo mínimo.

O receio do malandro é o baralho preparado antes do jogo. As cartas são todas marcadas e até que isso seja descoberto o maceteiro já ganhou muito dinheiro. E não pode ter chiação.

Por causa disso, a fábrica de baralhos Copag chegou até a modificar a embalagem do seu produto. Antes fechado ao todo por uma folha de papel celofane, hoje estão usando uma fita — como nos maços de cigarros — que depois de abertos não podem ser recolocados.

O malandro, para se dar bem, tem que ser a flor do jogo, a figura principal, mais notada, mais solicitada. Geralmente chega acompanhado de

duas ou três pessoas e faz questão de mostrar que traz muito dinheiro.

Essas pessoas são os "Agás". Jogam com o dinheiro dele numa perfeita truta. Assim, se durante uma partida algum parceiro apostar na carta que está maceteada e vai cair, basta um olhar do malandro para seus "Agás" e eles jogam por fora nessa carta para defender a parada.

Os grandes jogos de ronda antigamente eram formados no Irajá e em Madureira. Surgiu gente famosa como Ministrinho, Lenine, Jorge da Jurema, a própria Jurema, Cleinha, Papola, Cabeção, Angelo banqueiro, Mário dos táxis, Loça — que tem 80 anos de idade e até hoje ainda joga — Galo Cego e Coelhinho, secretário do Ministério da Fazenda em 1954.

Hoje, eles se realizam mais na Zona Sul. Outros malandros foram aparecendo, como Durval, Davi, Turcão, Deni, Vavau, Iberê, Jaime do Catete, Batista do Catete, Cléber, Russo e Alfredo.

Para eles, as 36 cartas da ronda têm nomes diferentes: Ás é João Fininho; três — Terno; quatro — Caixão; cinco — Quincas Bombeiro; seis — Sena de Brito; oito — Cacho de Uva; valete — Gillette; dama — Rita Ludoff; e rei — Barbudo.

E uma coisa muito importante também para o malandro: se der polícia no jogo, não há flagrante se o baralho apreendido estiver com menos de 36 cartas. E, convenhamos, para essa gente sumir com uma carta em questão de segundos é uma tarefa muito fácil.



SUPERSTIÇÕES

José Louzeiro

O termo superstição está a exigir uma melhor definição dos dicionaristas. Ao contrário do que afirmam os verbetes, superstição não é apenas o medo diante do fantástico, não é simplesmente o apego a coisas ineficazes. Provavelmente, essa é uma palavra, como tantas outras da nossa língua, em que o ciclo de expressão não se fecha. Na verdade, superstição define melhor a necessidade que grupos humanos sentiram de crer no impossível, sempre que o possível lhes pareceu inacessível.

Dizer-se que são supersticiosos os "incultos" que acreditam no trovão, no raios, no fogo, na chuva é esquecer que as grandes correntes religiosas universais colocam Deus como ponto máximo da sua crença e Deus, conforme teólogos e "ignorantes" é o mesmo fogo, trovão, raios e chuva, pois Ele seria a própria natureza.

A credence no Brasil tornou-se extremamente rica a partir do momento em que os senhores feudais descobriram o negócio dos escravos. De um lado os que vendiam, obtendo lucros fabulosos; de outro os que compravam e, a partir daí, tinham braços para trabalhar de graça.

O sofrimento dos escravos brasileiros, provavelmente situados entre os mais sacrificados do mundo, desaguardaria fatalmente para os mais diversos tipos de crenças, já que durante décadas, em nenhuma organização política, social ou religiosa se esboçava a menor reação contra tão vexatório quadro.

Assim, da sua dor e humilhação, o negro escravo nos deu um folclore como poucos. Até no sofrimento o homem de cor terminou sendo útil ao opressor. E, por desespero e por revolta, passou a acreditar em outros deuses que não aqueles que amparavam os brancos na sua vilania. O raciocínio do negro era lógico: se os deuses brancos eram bons, mas só ajudavam os brancos a explorá-los, a massacrá-los, por que seguí-

os? Por que ajoelhar-se diante dos altares adornados de ouro? Os negros descobriram, então, seus próprios deuses: nos regatos, nas fontes, no mar. A grande Mãe Iemanjá saiu das águas um dia e orientou-os no seu sonho de libertação.

Mas não era bastante receber as bênçãos das entidades e ficar por isso mesmo, como faziam os brancos. Pedidos os favores aos santos, os brancos viravam as costas. Com os negros era diferente: ofereciam manjares. Bebidas feitas pelas mãos calejadas das mulheres e ofereciam seus ritmos, seus cantares e ofereciam os gestos mais empolgados do seu corpo, através da dança.

A saudação com presentes, cantos e danças, antecedia e procedia ao pedido à grande entidade. O negro nunca deixou de agradecer. A humildade tornou-se uma espécie de ofício. E, nisso, ele terminou se fortalecendo. Não podendo reagir ao regime da escravidão, tratou de infiltrar idéias e crenças nos filhos dos senhores. Nesse particular foi importantíssimo o papel da mãe-preta. O negro não se pertencia, suas mulheres eram de todos os brancos e dos feitores. Em compensação ele iria alterar o pensamento do branco e iria contribuir grandemente para o estabelecimento de um sincretismo religioso tão forte, capaz de confundir adeptos das chamadas religiões oficiais.

Das muitas correntes que integram esse sincretismo, a Umbanda é, provavelmente, a mais vigorosa. E quem poderá afirmar que esse culto é menos saudável que o catolicismo ou o protestantismo?

Ferido no corpo e na alma o negro venceu o inferno da escravidão. E até hoje, como para mostrar seu triunfo, continua a cantar e a dançar. Sempre voltado para suas crenças e seus deuses, tudo nele renasce e se transforma em força e confiança no futuro que há de ser melhor.



REZADEIRAS

Maria Augusta Rodrigues

Menino! De uma chegada em casa de Dona Zinha e peça a ela que venha rezar sua irmã, assim que puder. Ela anda muito "triste" e pelo jeito, isso é Quebranto forte".

Há muito tempo não ouço uma frase como essa. E me vem uma saudade muito grande da simplicidade das gentes do lugar onde cresci e da competência das rezadeiras que resolviam todas, ou quase todas, as mazelas de saúde dos moradores.

E lá vinha Dona Zinha, com os olhos vivos, e negros, serena e segura em sua sabedoria milenar, herdada da mãe ou da tia, que rezadeira só pode ensinar os segredos da função a alguém de sua confiança, de preferência de seu sangue, com capacidades e sensibilidades intuitivas pela observação do mais velho.

Cabocla, magra, empertigada, cabelos ondeados grisalhos, puxados para trás e presos num coque, mãos longas e fortes, limpa e escovada, sempre cheirando a banho, Dona Zinha, que me rezou desde criança, dava jeito em tudo.

Nela homenageio a todas as rezadeiras e rezadores, de nossas meninices, juventudes, maturidades e velhices, que sempre existiram e existirão, confortando, tranquilizando e curando aos que tem fé na força de Deus nos homens.

Dona Zinha, Dona Maria Honorato, Seu Eneas, Dona Izaura, Seu Dedeu, Seu Domingos, Vovó Mariana. . . a sua bênção, ontem, hoje e sempre na permanência da cultura espontânea brasileira.

Rezas – Rezar – Rezadeiras. . . são coisas nossas.

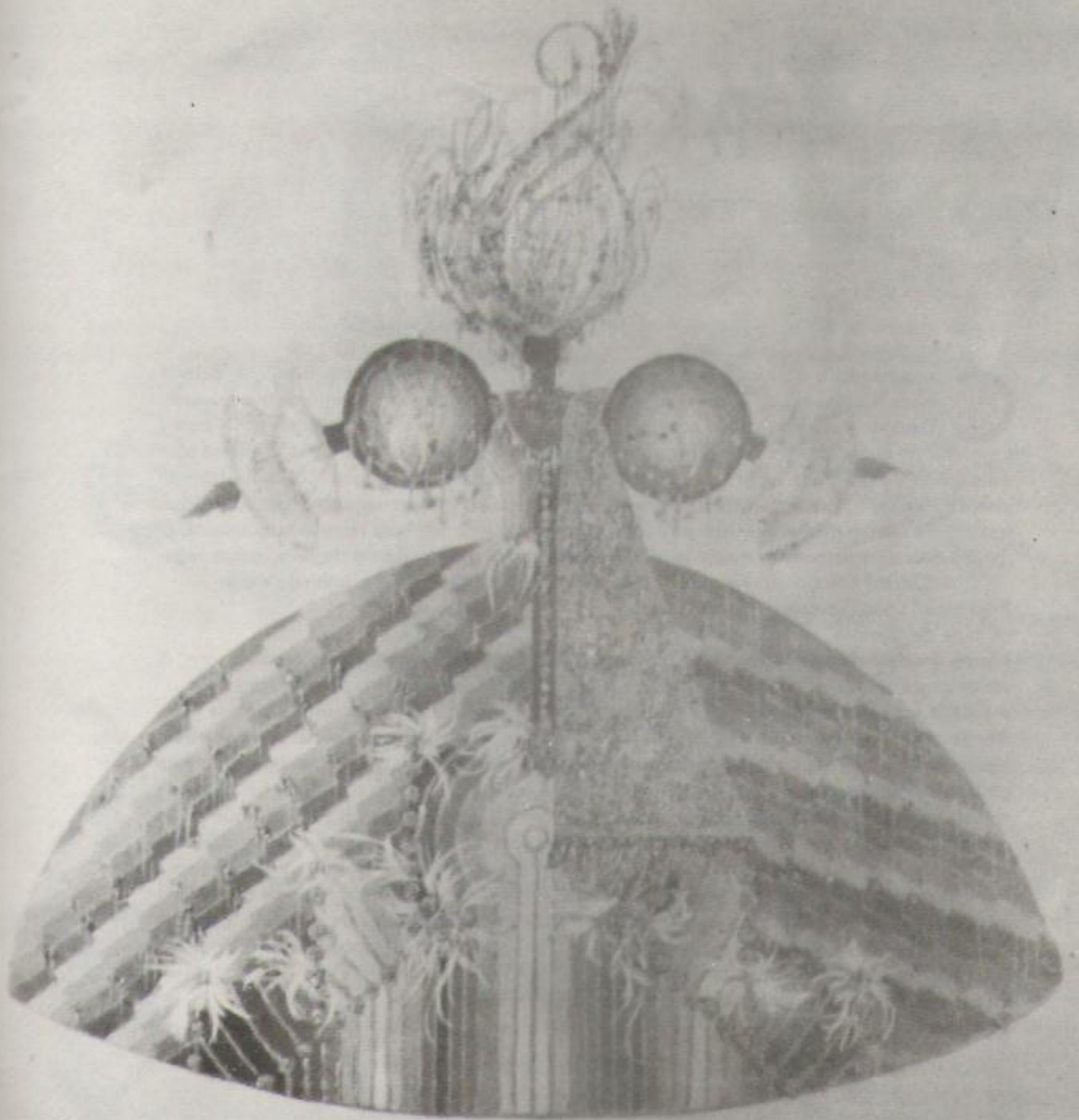
Quebranto, palavra estranha para muitos e que significa mau olhado; destroncadura e Jeito; Isipa, nome popular de erisipela; Engasgo; Íngua; Reumatismo; Impinge; Cobreiro; Irritação de pele; Dores de dentes; ouvidos, de barriga, de cabeça; Desande nos adultos e Ventre Caído nos recém nascidos; Sapinho; Tersol; Peito Aberto ou Espinhela Caída; Cachumba; Coqueluche; Pé de Cabra ou Bico de Papagaio; Sol na Cabeça; Unheiro e outras mazelas são rezadas, durante 3 dias, com auxílio de galhos de arruda, folhas de Saião, Cruz, colher de pau, faca e etc.

Fazendo o Sinal da Cruz sobre a garganta, a rezadeira repete por três vezes:

Homi bom,
Ruim mulé,
Canto molhado,
Gamela quebrada,
Tira o "osso" desse engasgado
Desse engasgado

Para Cobreiros, dermatoses provocadas por "leite" de "Sapo Boi", lagartixa, lesma, barata, etc., pinta-se a lesão com tinta de escrever e recorre-se a rezadeira que pegando uma faca amolada e traçando uma cruz um pouco acima do chão, diz três vezes:

Corto-te as pernas e corto-te o rabo
Corto-te as pernas e corto-te o rabo
Corto-te as pernas e corto-te o rabo
E em seguida, como sempre, reza-se uma a três Ave-Marias e Padre-Nossos.



PAGODE

SÉRGIO CABRAL

Consultando o "Dicionário do Folclore Brasileiro", do Mestre Câmara Cascudo, fui surpreendido com a informação de que a palavra *pagode* é muito mais antiga do que pode supor a nossa imaginação. No sentido que ela tem até hoje — festa ou farra com música — existe, pelo menos, há mais de quatrocentos anos.

Câmara Cascudo revela que Fernão Rodrigues Lobo Soropita, contemporâneo de Luiz de Camões, num dos seus escritos, fala de um determinado lugar, onde, "ao invés de garganta, fazem suas festas e *pagodes*, e tudo o mais deixam despovoados". Outra citação é mais recente: é do Frei Domingos Vieira em seu "O Tesouro da Língua Portuguesa" (edição portuguesa de 1873), onde registra assim a definição da palavra, segundo o sentido que lhe era atribuído tanto em Portugal quanto no Brasil. "Fazer *pagodes* — Fazer funções e divertimentos de comezainas e danças e cantares e prazeres licenciosos, à semelhança dos que na Ásia fazem as bailarinas de certos *pagodes*, ganhando para sustentação delas, e de seus ministros o preço da prostituição".

Atualmente, no Brasil, a palavra tem um sentido semelhante ao que era dado na passagem do século XIX para o XX para a palavra *samba*. "Vamos a um *samba* na casa do Fulano". Isso não significava que houvesse necessariamente *samba* na casa do Fulano, pois *samba* era uma reunião com música. O mesmo que o *pagode* de hoje, como registrou, por exemplo, Paulinho da Viola:

"Domingo
Lá na casa do Vavá
Teve um tremendo *pagode*
Que você não pode imaginar".

No Rio de Janeiro, a palavra é extremamente ligada ao *samba*. A mangueirense Beth Carvalho, ao escolher um título para o seu *show* e para o seu disco, ficou mesmo com "Beth Carvalho no Pagode", que não é apenas um título mas uma definição. Ninguém pode esperar de um disco desses sons de violinos, violoncelos, violas e oboés, mas um clima extremamente popular e cheio de alegria. *Pagode* é qualquer coisa relacionada com música e alegria. Por isso, nada mais Mangueira.



BAILE DE CARNAVAL

ELIAS RICHA

Ao falarmos em desfile de fantasias, logicamente, falamos do Carnaval e dos bailes momescos, os quais tem histórias que são do conhecimento de todos. Os desfiles de fantasias, contudo, constituem um capítulo à parte.

Em qualquer evento festivo ou solenidade, é de hábito procurar-se sempre um meio de encontrar o fulano ou fulana mais simpáticos, mais bonitos, mais atenciosos ou que estejam melhor trajados. Isso ocorre até nos locais de trabalho. Em concursos de beleza, por exemplo, se escolhe a Miss Simpatia, a Miss Objetiva, a Miss Charme, a Miss Mais Bonita, etc.

Em se tratando de Baile de Máscaras, em pleno reinado de Momo, nada mais interessante que procurar distinguir qual a máscara mais bonita, mais curiosa, original ou interessante, surgindo daí a prática de premiar a ou as que se destacassem.

Com a decadência das máscaras, ganharam importância as fantasias e vieram a tomar vulto os Concursos de Fantasias, abrangendo ambos os sexos, mais a escolha de Reis e Rainhas, tais como: Rei Momo, Rainha Moma, Rei do Carnaval, Rei da Folia, Rainha do Baile, Rei do Samba, Rei da Recreatividade, com seus príncipes e princesas.

Não se pode precisar mas os desfiles de fantasias datam do início da existência dos bailes, tendo, ao nascer, o caráter de Concurso Oficial, o que

aconteceu na década de 50, no Baile Oficial da Cidade, realizado no Teatro Municipal sempre, na 2ª feira gorda.

Os desfilantes exibiam-se pela vaidade de ser considerado o portador da melhor fantasia, recebendo como prêmios, broches, braceletes, medalhas, taças e, às vezes, uma viagem de ida e volta até Buenos Aires, oferecida por gentileza de alguma companhia de transporte aéreo.

Na década de 1960, o Clube Monte Líbano, criou o baile "UMA NOITE EM BAGDÁ, realizado na 3ª feira, e os desfilantes que eram vitoriosos nos Concursos do Municipal, ali se apresentavam, acrescentando fama e glória à sua vaidade e recebendo, como prêmios, os acima mencionados.

Em 1965, ano importante para a história de Carnaval, o Clube Sírio e Libanês dá o seu primeiro Baile da Vitória, com Concurso de Fantasias nos moldes do realizado pelo Municipal. Para ambos os sexos, nas categorias, Luxo e Originalidade, estabelecendo prêmios em dinheiro para os colocados do 1º ao 5º lugar, em ambas as categorias.

A partir desse ano destacou-se uma nova tradição do Carnaval. As fantasias foram se tornando cada vez mais deslumbrantes, os prêmios foram crescendo e os desfiles começaram a ser levados para outros clubes, como o Tamoio de São Gonçalo, Bal Masqué e Municipal de Recife, Baile de Gala de Brasília, São Paulo, Santos, Campinas, Florianópolis, Porto Alegre, Quitandinha, Hotel Nacional, Hotel Copacabana, Hotel Glória, Iate Clube, Jardim Guanabara e outros.

Assim, um novo espetáculo era adicionado ao Carnaval, cuja ima-

gem é levada para o mundo inteiro, constituindo uma das maiores atrações carnavalescas no exterior. Encerradas as festividades momescas, cada ano, os desfilantes de passarela continuam se apresentando em espetáculos pelo Brasil inteiro e até no exterior.

Cabe aqui, menção especial ao gênio que colaborou para esse sucesso, Clovis Bornay, a locomotiva do Carnaval Brasileiro e particular destaque à Bemtel Promoções que, profissionalizando os desfilantes, organizando e coordenando os desfiles em todo o país, aumentaram o seu brilho e incentivaram o seu progresso.

Toda vez que se falar em desfile de fantasias, vale lembrar que esses nomes estão ligados à sua história: Clube Sírio e Libanês, Clóvis Bornay e Bemtel Promoções, acrescentando-se que muito se deve ainda, a todos os veículos de divulgação, imprensa, rádios, revistas, TV, cinema, agências telegráficas e de turismo e ao órgão controlador e disciplinador das atividades turísticas que é a RIOTUR, bem como às autoridades federais, estaduais e municipais. A todos eles devemos o sucesso do Carnaval Carioca.

Ao finalizar, sinto-me inteiramente à vontade para dizer que esta página foi dedicada especialmente a GRES Estação Primeira da Mangueira, a quem desejo muito sucesso, e por quem meus filhos vibram.



AGRADECIMENTOS

A. S. Lima
Divilam S. A.
R. Pinto Materiais de Eletricidade.
Fornecedora de Materiais de Construção Maba Ltda.
Metalúrgica André Munk,
A Popular de Madureira de Tecidos.
Foc Pronto Consertos.
Copiadora e Papelaria Alexandre e Diversões.
Padaraia e Confeitaria Flor do Prado Ltda.
Brasilito Carnes e Derivados Ltda.
Mesas Fartas e Cereais Ltda.
Casa Águia de Cereais Ltda.
Gráfica Ingramar.
C.B.A. Comércio Brasileiro de Alimentos Ltda.
Promograf Impressos Ltda.
Revil.
Silze – J.F. Medeiros Confeccões Ltda.
Artifan – Artigos de Fantasia Ltda.
The Sydney Ross Co.
Microlite S.A. Ind. e Comércio.
Lito Figueiredo & Cia. Ltda.
Kibon S.A.
Comercial de Fumos Cacique Ltda.
National do Brasil Ltda.
Chicle Adams Ltda.
Ind. e Com. de Fumos Wilder Finamore Ltda.
Prodisa – Produtora e Distribuidora S.A.
Mirabel – Produtos Alimentícios S.A.
Impasa – Inds. Mineira de Papéis S.A.
Ind. e Com. de Velas CORCOVADO Ltda.
Jonhson & Jonhson S.A. Ind. e Comércio.
Clube dos Sargentos e Sub Oficiais do Exército
Organizações Ted
Educar Editora
Celso Mesquita
Minister Artes Gráfica
Sebastião Matuch
Charutaria e Bombonière Três Amigos
Mercearias Lux
Estrela Presentes
Soberana dos Parafusos
Charutaria Estrela Fluminense
Super Mercado Três Poderes

DIRETORIA

| | |
|-----------------|----------------------------|
| Presidente | Ed Miranda Rosa |
| Vice-Presidente | Luiz Leite de Medeiros |
| 1ª Comunicação | Wanderley Doria |
| 2ª Comunicação | Ignacio Antonio dos Santos |
| 1ª Finanças | Pedro Paulo Lopes |
| 2ª Finanças | Cícero dos Santos |
| 1ª Social | Djalma Arruda |
| 2ª Social | Sebastião Pereira |
| 1ª Patrimônio | Jair Campos |
| 2ª Patrimônio | Normando Chagas |
| 1ª Jurídico | Alcione Barreto |
| 2ª Jurídico | Arthur Bitencourt rosa |
| 1ª Cultural | Julio Matos |
| 2ª Cultural | Nelson Estorino |
| 1ª Procuradoria | Alcides Evangelista |
| 2ª Procuradoria | Waldir de Almeida |
| 1ª Esportes | Fernando de Faria (Major) |
| 2ª Esportes | Ronaldo Silva Oliveira |
| 1ª Feminino | Ilazir Miranda (Zinha) |
| 2ª Feminino | Maria Helena |
| 1ª Harmonia | Egio L da Silva |
| 2ª Harmonia | Osmar Casemiro de Souza |
| 1ª Divulgação | Darci Monteiro |
| 2ª Divulgação | Nei João de Oliveira |

CONSELHO FISCAL

| | |
|-----------|--------------------------|
| Relator | Jorge Barbosa |
| 1ª Membro | Elisio Doria Filho |
| 2ª Membro | Nelson Gonzales Ferreira |

SUPLENTES

| | |
|-----------|--------------------------------|
| 1ª Membro | Oswaldo O. dos Santos (Onofre) |
| 2ª Membro | Antonio Candido |
| 3ª Membro | Luiz Gonzaga Ferreira |

BALAS JUQUINHIA

AS MAIS VENDIDAS EM TODO O BRASIL

CHARUTARIA ESTRELA LTDA.

RUA VISCONDE DE SANTA ISABEL, 420 – Tel.: 208-1192
RUA REPÚBLICA DO LÍBANO, 61 LOJA I – Tel.: 224-9779
AV. BRASIL, 28.128 – Tel.: 331-3507

DISTRIBUIDORA
DOS FÓSFOROS
MARCA OLHO
E
DAS LÂMINAS
WILKINSON

**Deseja um feliz carnaval ao
GRESEP
(Mangueira)**